

BRÁSILIA, QUARTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2003
 Editor Marcelo Onaga // marcelo.onaga@correioweb.com.br
 Subeditores: Maísa Moura e Sandro Silveira
 Tel. 342-1148
 e-mail negocios@correioweb.com.br

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na segunda (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na segunda (em US\$)	Comercial, venda, segunda-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onci Troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefixado, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+2,79 São Paulo	+0,24 Nova York	0,90 (▲ 0,84%)	2,988 (▼ 0,23%)	3,309 (▼ 0,21%)	364,40 (▲ 0,91%)	21,16	Março/2003 1,23 Abril/2003 0,97 Maio/2003 0,61 Junho/2003 -0,15 Julho/2003 0,20

CRISE

IBGE mostrará que Brasil esteve mal nos primeiros seis meses deste ano. Analistas avaliam que fundo do poço passou, mas é preciso criar condições, como queda nos juros, para recuperação não ser passageira

Semestre de recessão

VICENTE NUNES
 DA EQUIPE DO CORREIO

O bom humor dos investidores em relação ao país e as projeções de retomada do crescimento ainda no final deste ano não conseguirão abafar o mal-estar que será criado amanhã pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ligado ao Ministério do Planejamento, o órgão divulgará o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre do ano, confirmando que, nos primeiros seis meses do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil mergulhou na recessão. Esse resultado desalentador ocorreu, independentemente do excelente resultado do setor agrícola e do expressivo aumento do saldo na balança comercial.

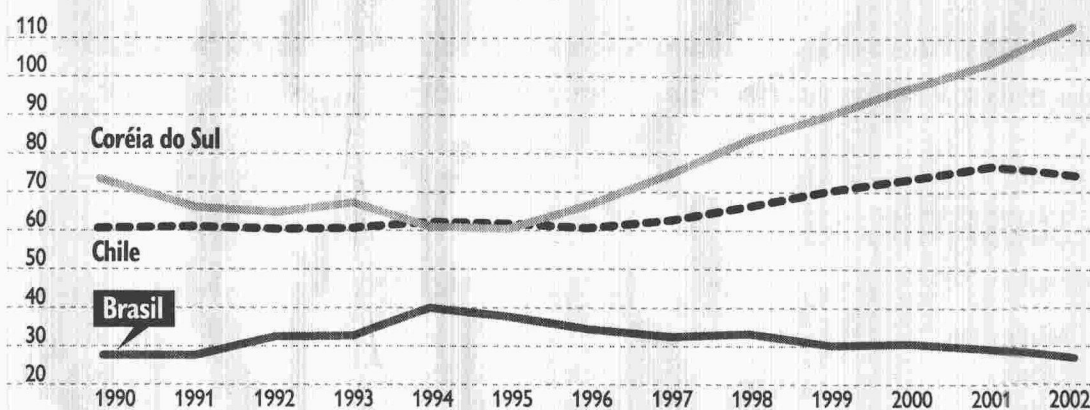
As estimativas do mercado financeiro apontam para uma queda entre 0,4% e 0,8% do PIB

entre abril e junho, na comparação com os três meses anteriores, quando o Produto já havia encolhido 0,1% em relação ao último trimestre de 2002. Tecnicamente, dois trimestres consecutivos de queda no PIB indicam recessão. Mas o governo tentará caracterizar tal resultado como desaceleração econômica. A equipe econômica do ministro da Fazenda, Antônio Palocci, dirá que o importante é que o país conseguiu superar os momentos mais difíceis e que, a partir de agora, depois de feitos todos os ajustes na economia, as condições para a retomada do crescimento estão criadas.

Na avaliação do economista Ricardo Amorim, chefe, em Nova York, do Departamento de Pesquisas para a América Latina da Consultoria IDEAGlobal, o segundo trimestre foi o pior período para a economia brasileira neste ano. A seu ver, a forte re-

CRÉDITO E DESENVOLVIMENTO

Volume de empréstimos é menor no Brasil do que na Coreia e no Chile (Em % do PIB)



tração na atividade produtiva decorreu dos efeitos dos juros altos, que, entre outubro do ano passado e fevereiro último, subiram 8,5 pontos percentuais, se o parâmetro for a taxa Selic. Segundo Amorim, na comparação entre o segundo trimestre deste

ano com o igual período de 2002, a indústria encolheu 2,1%, a construção civil caiu 11% e o comércio, quase 5%.

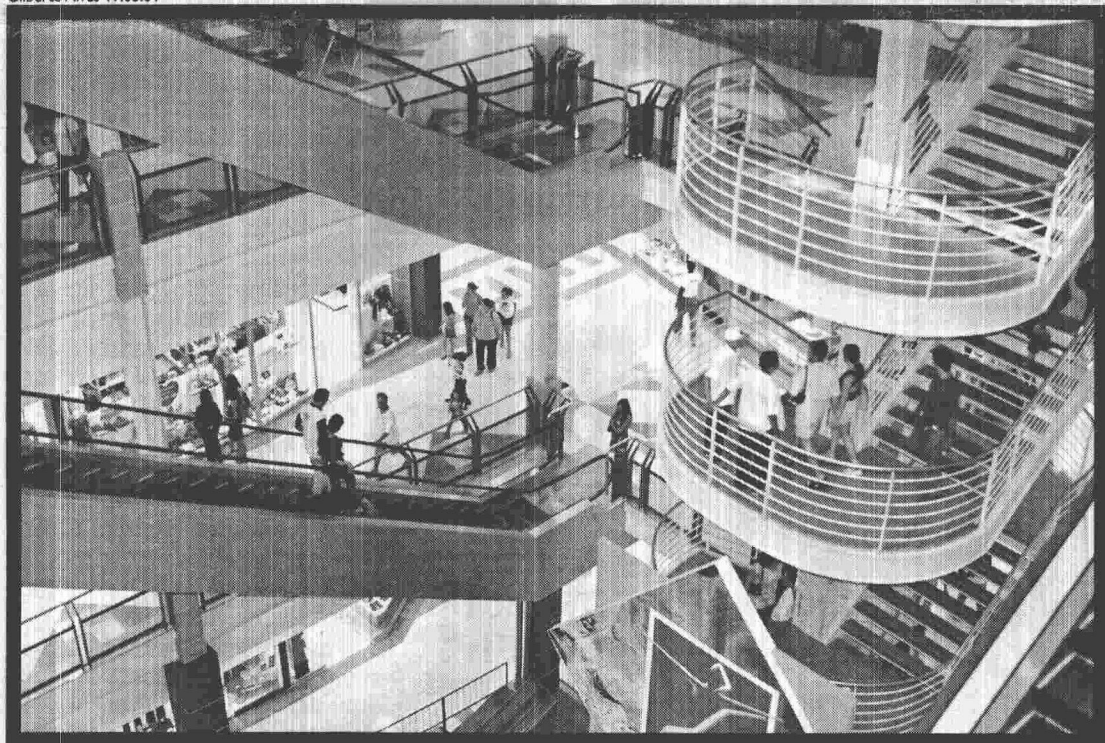
Para o economista Eduardo Berger, do Banco Lloyds TSB, o péssimo desempenho da economia tanto no primeiro quan-

to no segundo trimestre do ano reforça a necessidade de o governo criar as condições para que o esperado crescimento não seja apenas um movimento passageiro. "A sensação que se tem é que a economia está parada. Não há dúvida, porém, que da-

qui para frente o cenário tende a ser melhor", disse. "Agora, é importante ressaltar que, por si só, a redução de 4,5 pontos percentuais na Selic entre junho e agosto e as perspectivas de novas baixas não garantem o desenvolvimento sustentável."

No entender de Marcos Troyjo, vice-presidente da Área Corporativa e de Relações Internacionais do Grupo Brasilinvest, a principal alavanca para o Brasil sair do atoleiro nos próximos meses será a ampliação do crédito, não apenas no país, mas também no exterior. "Há um forte retração na oferta de dinheiro para o crescimento do Brasil", frisou. Segundo o Banco Central, nos sete primeiros meses deste ano, o total de crédito no país representou apenas 24,9% do PIB (veja quadro). Já os investimentos estrangeiros diretos caíram à metade do aplicado no país no mesmo período do ano passado.

Gilberto Alves 19.05.01



MOVIMENTO FRACO NO COMÉRCIO DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE, PERÍODO MARCADO POR JUROS ALTOS E QUEDA SALARIAL